

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

A compreensão das disputas em torno dos monocultivos industriais de eucalipto. No Rio Grande do Sul através da mídia.

Daniele Cavichioli Barbosa y Patricia Binkowski.

Cita:

Daniele Cavichioli Barbosa y Patricia Binkowski (2009). *A compreensão das disputas em torno dos monocultivos industriais de eucalipto. No Rio Grande do Sul através da mídia. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/1092>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

A compreensão das disputas em torno dos monocultivos industriais de eucalipto

No Rio Grande do Sul através da mídia

Daniele Cavichioli Barbosa

*Faculdade de Agronomia
da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul - UFRGS
daniele.dcb@gmail.com*

Patricia Binkowski

*Programa de Pós-Graduação
em Desenvolvimento Rural – PGDR - UFRGS
patinski77@yahoo.com.br*

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PROBLEMÁTICA DO MONOCULTIVO DE EUCALIPTO

Desde o início da década de 1950 que investimentos têm sido feitos no Brasil para produção de eucalipto. Entre 1955/61, foram atraídos investimentos estrangeiros para as indústrias de papel e celulose, com origens diversas. O Plano de Metas implementado naquela época pelo Governo Federal, reservou financiamentos via Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) na ordem de US\$ 8,4 milhões (DALCOMUNI, 1990).

As indústrias de celulose atualmente têm crescido e se expandido. Na mídia é recorrente o anúncio de compra de terras, investimentos e lucros recordes das empresas do setor da celulose. Entre 1991 e 2001 o BNDES investiu cerca de US\$ 435 milhões no setor florestal (BRDE, 2003). O Governo Federal lançou alguns programas de incentivo aos monocultivos arbóreos, em 2000, o Programa Nacional de Florestas (PNF), em 2002 o Programa de Plantio Comercial e Recuperação de Florestas (PROFLORA) e o Programa Nacional de Agricultura Familiar - PRONAF Florestal. Em 2005, o Banco do Brasil lançou o “BB Florestal”, com o objetivo de criar novas formas de investimentos florestais de longo prazo (BRDE, 2003).

A pesquisa científica também vem contribuindo com estudos que interessam a expansão dos monocultivos arbóreos. A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) está pesquisando o melhoramento de sementes de eucalipto que se adaptem a diferentes locais.

Além das condições climáticas bastante adequadas para o desenvolvimento vegetativo da produção de eucalipto, outra situação que justifica a expansão das empresas de base florestal no Brasil, é a sua grande vantagem no mercado internacional, por encontrar em nosso país, condições econômicas (sociais e estruturais) favoráveis. Entre elas o baixo custo da mão-de-obra, poucos encargos financeiros, incentivos fiscais dedicados ao setor e a criação de políticas públicas federais e estaduais direcionadas para incentivar pequenos, médios e grandes produtores ao plantio de eucaliptos.

2. OS EMPREENDIMENTOS FLORESTAIS NO RIO GRANDE DO SUL

O Rio Grande do Sul parece ser a nova fronteira para os empreendimentos florestais por apresentar condições ambientais e estruturais favoráveis à indústria da

celulose devido ao clima, solo, a estrutura agrária e a distribuição de estradas e portos.

O Governo Estadual impulsiona o mercado de produção de eucaliptos argumentando a necessidade de desenvolvimento econômico para regiões cuja produção agrícola e pecuária vem se enfraquecendo. Trata-se de uma área que comumente costumou-se chamar de “Metade Sul” e, entende-se as regiões Sul, Fronteira Sudoeste, Fronteira-Oeste e parte do Centro-Sul e Centro-Oeste.

Nessa região encontra-se o bioma Pampa que se caracteriza por um conjunto de vegetações campestres com predomínio de estepes em relevo de planícies e vegetação mais densa, arbustiva, e arbórea nas encostas e ao longo dos cursos d’água; além disso, se caracteriza também pela ocorrência de banhados. É uma região que oferece pastagens naturais e que, de acordo com Boldrini (2006) apresenta mais de 3.000 espécies vegetais em seus campos. Segundo o Ministério do Meio Ambiente (MMA), essa área é considerada, desde o ano 2000, prioritária para conservação da biodiversidade. A intenção do MMA é regulamentar e ampliar as Unidades de Conservação nesse bioma.

No Rio Grande do Sul, o debate gira em torno dos impactos sociais e ambientais relativos à instalação dos projetos das empresas de celulose na Metade Sul. Esses impactos têm sido debatidos à luz do histórico das problemáticas ocorridas em outros lugares do Brasil e do mundo, onde as empresas de celulose implementaram seus projetos. Há relatos de que a indústria da celulose foi agente causador da fragilização do modo de vida camponês, responsável por incrementar o êxodo rural e o consequente aumento dos cinturões de pobreza nas grandes cidades. Devido à natureza de suas atividades de cultivo de eucalipto em larga escala e atividades industriais, essas atividades seriam causadoras também de graves impactos ambientais como a escassez hídrica, o desaparecimento de córregos e o empobrecimento do solo, entre outros prejuízos ambientais (GONÇALVES, 2001).

No RS, debate-se que as implantações dessas monoculturas de eucaliptos na Metade Sul, fragilizariam ainda mais a pecuária extensiva, que tem sido o uso preponderante dessas terras desde a chegada dos primeiros colonizadores a esta região, e no que há centenas de anos tem sido construído no imaginário mundial como o sujeito típico do Pampa, o “gaúcho”. (CHOMENKO, 2006). A transformação abrupta dessa paisagem implicaria em uma violência cultural infligida a essa região (SUERTEGARAY, 2006). A introdução dos cultivos de eucalipto tende a induzir a valorização das terras nessa região, o que potencializa situações de êxodo rural e as consequências desse fenômeno.

Contudo, setores da economia no estado e, inclusive o governo, mostraram-se bastante interessados no estabelecimento das empresas de celulose no RS, devido aos investimentos¹ que essas empresas trariam para o estado, em especial para as regiões entendidas como “Metade Sul”, cuja produção agrícola e pecuária vem se enfraquecendo ao longo dos anos.

Desde 2004, com o incentivo do Programa de Plantio Comercial e Recuperação

¹ A recente crise que tem impactado a economia em diversos locais no mundo também afetou o setor da celulose, fazendo com que muitos projetos e prometidos recursos fossem adiados ou definitivamente descartados. Esse fato gerou bastante desapontamento e preocupação nas administrações locais do Rio Grande do Sul para onde as empresas florestadoras apontavam seus investimentos.

de Florestas – PROFLORA, apoiado pela CAIXA/RS, os plantios de eucalipto vem crescendo no estado e gerando controvérsias entre empresas, governos, movimentos sociais e ambientalistas. Os movimentos contestatórios à expansão dos monocultivos investiam suas denúncias na flexibilização dos licenciamentos ambientais e na má condução das audiências públicas.

Fato marcante nesse debate aconteceu em 8 de março de 2006 quando mulheres trabalhadoras rurais da Via Campesinaⁱⁱ, em referência ao Dia Internacional da Mulher entraram no horto florestal da empresa Aracruz Celulose, em Barra do Ribeiro e destruíram mudas e equipamentos. O objetivo dessa ação, segundo essas mulheres era “denunciar as consequências sociais e ambientais do avanço da invasão do deserto verde criado pelo monocultivo de eucaliptos” (Folha de São Paulo, 09/03/2006). Após esse fato, que lançou o debate para a sociedade de maneira mais visível devido a radicalização da denúncia, e que repercutiu em todo o País através da mídia, houve uma preocupação em legitimar a expansão dos cultivos de eucalipto.

A Secretaria de Meio Ambiente do RS (SEMA) procurou acelerar a elaboração do Zoneamento Ambiental para a Atividade de Silvicultura (ZAS) no estado. O ZAS foi elaborado com a intenção de ser um instrumento de avaliação para implantação dos cultivos de eucalipto nas diferentes regiões do estado. O documento foi elaborado por técnicos da Fundação Estadual de Proteção ao Meio Ambiente (FEPAM), Fundação Zoobotânica (FZB) e Departamento de Florestas e Áreas Protegidas (DEFAP). O zoneamento deveria ser um instrumento de gestão que possibilitasse avaliar de forma integrada a vulnerabilidade dos ambientes frente à implantação da atividade da silvicultura. (FEPAM, 2007)

O ZAS compreendeu a setorização do território estadual em unidades de paisagem natural (UPN) com características naturais semelhantes, que foram utilizadas como unidade de gestão ambiental. O estabelecimento das diretrizes do uso e ocupação do solo pela atividade foi obtido pela análise integrada dos temas especializados e da matriz de vulnerabilidade. Como resultado desse trabalho foi apresentado a classificação das UPN's em alta, média e baixa restrição para a atividade de silvicultura no estado do RS. (FEPAM, 2007).

O ZAS foi entregue à público em dezembro de 2006, sendo muito criticado pelas empresas e pelo governo do estado que o consideram muito restritivo. Em março de 2007, representantes de empresas da celulose estiveram reunidos no Palácio Piratini (sede do governo) para contestar o conteúdo do ZAS, porque este delimitava o plantio de eucalipto em áreas que não eram do interesse das empresas.

Presente nessa reunião, a então secretária do Meio Ambiente, Vera Callegaro, explicou que a determinação da governadora do estado: “o governo do Estado deve proporcionar condições para que os empreendimentos de base florestal se desenvolvam no Rio Grande do Sul” (WEISSHEIMER, 2007). Para tanto, foi criado um outro grupo de trabalho cuja missão era revisar os termos do zoneamento ambiental. Tal fato pareceu indicar uma arbitrariedade do órgão competente e uma deslegitimação da equipe técnica que elaborou o ZAS. Em abril de 2008, uma segunda versão do ZAS foi apresentada. Desta

ⁱⁱ A Via campesina é uma articulação internacional de movimentos populares ligados ao meio rural que defende o modo de viver camponês e o faz procurando evidenciar as contradições do agronegócio, entendido pela Via Campesina como o projeto capitalista para o campo.

vez, menos restritiva sendo bem recebida pelo setor da celulose. Já as organizações ambientalistas o contestaram. Apesar das controvérsias e desagregos o ZAS foi aprovado e implementado pelo governo do estado.

Os relatos das experiências em Minas Gerais, onde as empresas de celulose estão há mais tempo intervindo na economia da região, mostram importantes impactos na vida dos agricultores, pois lhes foi imposto um novo ritmo de organização do trabalho devido a transição social que necessariamente acontece quando a organização da produção passa a ser comandada pelo capital industrial (THOMPSON, 1979). Alguns agricultores que estão nessas áreas sustentam que as plantações de eucalipto não trouxeram vantagens para eles (GONÇALVES, 2001).

Historicamente, os grandes projetos industriais no campo têm o potencial de causarem impactos não apenas ambientais, mas também afetam a qualidade de vida, a saúde, a soberania e a segurança alimentar das populações locais.

O debate em torno deste tema iniciou por uma crítica e um viés ecológico, contudo as preocupações e indagações foram tomando outros rumos. As críticas continuam sendo feitas por representantes de organizações não-governamentais e movimentos sociais, os quais têm alertado para os possíveis impactos sociais e culturais deste processo. (BINKOWSKI, 2008).

Neste trabalho procurou-se entender como o problema ambiental em torno da expansão dos monocultivos de eucalipto foi construído e qual foi o papel da mídia na ressonância desse problema para a sociedade. Para tanto foi necessário identificar os agentes em disputa, assim como seus principais argumentos e verificar a possibilidade de responder, segundo o que é veiculado pela mídia, o que o debate parece mostrar para a sociedade e quais os interesses em jogo.

A escolha da mídia como forma de análise baseou-se no fato de ser essa uma importante ferramenta de construção de subjetividade na sociedade, que constrói e/ou faz ecoar problemas, ao produzir, projetar e legitimar sentidos (BERGER, 1998).

Berger (1998) afirma que ao delinear a natureza da imprensa “a questão para um editor é: o que há de novo no mundo hoje que ‘caiba’ no meu jornal, que conquiste leitores e não se confronte com os que o sustentam economicamente”. E remete a lembrança de um contexto histórico observado por Sebastião Pinheiro, ao mencionar que após a Segunda Guerra Mundial, as grandes reservas de florestas para papel e celulose estavam sob controle do Bloco Sino-Soviético e que isso causou temor nos países industrializados durante o período de guerra fria, pelo valor desse segmento e pelo seu significado.

Se soviéticos e chineses comessem a fazer ofertas internacionais de papel de imprensa, trariam perdas ao controle ocidental sobre muitos jornais do mundo, cuja opinião estava atrelada ao fornecimento daquela matéria-prima [...]. Uma Nova Ordem Mundial foi instalada [...]. Todos os países receberam sinal verde do Banco Mundial, e seus governos começaram a financiar o plantio de pinheiros americanos e eucalipto, pois se tornava perigoso ficar a mercê de países da órbita comunista. (PINHEIRO, 2006, p. 34).

Ainda que neutralidade ou imparcialidade sejam bandeiras largamente propagandeadas pela mídia a respeito de si própria, é consenso que tal julgamento não

passa da tentativa de construir imaginários idealizados para aceitação e venda de seu produto à sociedade.

A notícia é uma realidade construída, onde jornalistas definem e redefinem significados sociais (TCHUMAN, 1978 *apud* HANNIGAN, 1996). A criação de notícias para Hannigan (1996, p.81) “é tratada como um processo de colaboração em que os jornalistas e suas fontes negociam histórias”. O autor complementa que “uma limitação final dos relatos ambientais a curto prazo é o papel e influência dos editores de notícias. Sempre com atenção a circulação e aos números das audiências, os editores preferem histórias que representem controvérsia e conflito. Em consequência disso, o cuidado dá lugar ao sensacionalismo. Além disso, os editores têm mais tendência a ser sensíveis a pressões exteriores de conselheiros associados e outros poderosos apoiadores do *status quo*. Os repórteres sabem disso, e na ocasião podem modificar ou deliberadamente desprezar histórias significativas que envolvem maus procedimentos ambientais (FRIEDMAN, 1983; *apud* HANNIGAN, 1996, p.92).

3. COMO A MÍDIA ANUNCIA OS DIFERENTES POSICIONAMENTOS E ARGUMENTOS DOS AGENTES SOCIAIS EM CONFLITO EM TORNO DOS PROJETOS DE CELULOSE NO ESTADO?

Durante o período de março de 2006 até maio de 2009, foi realizada análise de material referente ao tema deste trabalho, em dois jornais de grande circulação, Folha de São Paulo e Zero Hora. Também foram coletados materiais que reproduzissem os principais argumentos dos campos em disputa de outras fontes como eventos e debates públicos, panfletos de ONG's e movimentos sociais, publicações da chamada “mídia independente”ⁱⁱⁱ e das entidades de classe. Nessa pesquisa foram identificados alguns campos de atuação social onde estão localizados os agentes envolvidos nessa arena de disputa. São eles:

a) Campo Político: Governo Estadual e Assembléia Legislativa

São àqueles favoráveis à implantação dos monocultivos de eucalipto, sob o argumento principal que os projetos trarão “desenvolvimento” para o estado.

Conquistas de 15 meses de gestão do Estado foram divididas nesta quinta-feira (17) com a sociedade pelo Governo Yeda Crusius. No balanço feito no Palácio Piratini, a exibição de duas peças publicitárias destacou ações e medidas do novo jeito de governar, que enfatizam o enfrentamento de problemas históricos e a resolução de obras paradas há mais de 30 anos. Outro aspecto destacado foram as ações do Executivo para conquistar o investimento de R\$ 4,9 bilhões da Aracruz Celulose, o maior empreendimento privado da história do RS. (www.estado.rs.gov.br . Acesso em 19/04/2008)

b) Campo Econômico: empresas florestadoras

Também sob a égide do “desenvolvimento”, incorporam a argumentação de defesa do meio ambiente.

ⁱⁱⁱ Entendida como o conjunto de meios de comunicação que não tem compromissos com anunciantes, ou instituições governamentais e que procura contemplar a diversidade de informações.

Os investimentos privados atraídos pelo Governo do Estado no setor de base florestal, liderados, na Metade Sul, pela Votorantim Celulose Papel, Aracruz Celulose e Stora Enso, aproximam o Rio Grande do Sul dos países europeus na mais recente prática ambientalista: a neutralização do dióxido de carbono (CO₂). O novo conceito de "carbono neutro" veio no rastro dos debates sobre aquecimento global. Na prática, ele significa o plantio de árvores para compensar o dióxido de carbono jogado na atmosfera pelas atividades empresariais. É uma atitude de respeito em relação ao meio ambiente. (AGEFLOR, 2006)

c) Campo Social: movimentos sociais populares e organizações ambientalistas

Estes se mostram céticos em relação às perspectivas de desenvolvimento argumentadas pelo campo político e econômico. Neste caso, o discurso é basicamente ligado à defesa do meio ambiente. Argumentam que o impacto ambiental, cultural e social gerado por esses projetos são de difícil reversibilidade.

As conseqüências do ‘Deserto Verde’ colocam em risco primeiramente o solo, acaba com a água e com a biodiversidade (o meio ambiente como um todo). Afeta os demais direitos fundamentais dos seres humanos, tais como: alimentação, saúde, moradia, cultura, trabalho através da usurpação de terras, pela poluição das fábricas de celulose e uso de agrotóxicos, entre outros.” (Manifesto contra o deserto verde -Articulação Estadual Contra o Deserto Verde, 2006)

As empresas, no seu propósito, não acenam com nenhuma medida que realmente leve em conta a preservação ambiental. Elas querem plantar e colher, não importa onde nem como e a que custo. Os custos ambientais eles desconhecem [...] O que importa é aquilo que tem sido anunciado, até pelo governo, do resgate econômico da Metade Sul a qualquer custo, nem que seja o custo ambiental. (BUCKUP, 2007)

d) Campo Científico: Universidades e Instituições Públicas (EMBRAPA, EMATER...)

São agentes que dificilmente se posicionam com clareza nesse debate, limitando-se a apresentar resultados científicos acerca de especificidades da espécie arbórea em questão. Frequentemente, disponibilizam o corpo técnico (docente/pesquisador) e infra-estrutura para pesquisas encomendadas pelas empresas florestadoras.

A Embrapa iniciou neste mês a segunda etapa do projeto Rede Brasileira de pesquisa do Genoma de Eucalyptus (Genolyptus). Criado em 2001 em parceria com 13 empresas e sete universidades, o programa realizou em sua primeira fase a triagem de 150 mil seqüências do DNA do eucalipto, formando o maior banco mundial de dados genômicos sobre a planta. A Embrapa vai transferir às empresas consorciadas cópias do banco de dados genômicos e clones da coleção completa de moléculas dos genes seqüenciados. ‘O objetivo é que as empresas desenvolvam variedades melhoradas geneticamente com base nesses dados’, disse o coordenador do projeto e pesquisador da Embrapa, Dario Grattapaglia. (CENARGEN, 2008).

Alguns *lead*^{iv} publicados pela Folha de São Paulo e Zero Hora durante o período de 2006 a 2009:

^{iv} *Lead* é uma expressão inglesa que significa “guia” ou “o que vem à frente”. Em jornalismo, trata-se da primeira parte de uma notícia que, normalmente é destacada e pretende fornecer informações básicas sobre o assunto, oferecendo uma prévia do fato noticiado.

Donas de dois dos três maiores projetos de celulose no Estado, a Aracruz e a Stora Enso anunciaram ontem que irão recorrer contra a liminar da Justiça Federal que transferiu para o Ibama a atribuição de licenciar o plantio de eucalipto no Rio Grande do Sul.

Yeda diz que medida é absurda e critica “intervenção” federal. (Zero Hora, p.22, em 14/11/2007)

Trabalhadoras dizem ter sido agredidas com socos; para coronel que coordenou ação em fazenda, apenas houve ‘empurra-empurra’. (Folha de São Paulo, p. A10, em 05/03/2008)

As invasoras que depredaram uma fazenda de eucaliptos em Rosário do Sul, porém, cometeram uma tropelia, que como no caso das instalações e dos viveiros da Aracruz Celulose, em 2006, não ajuda a causa da mulher - em cujo nome o protesto ocorreu-, nem representa um avanço para a reforma agrária ou a justiça social. (Zero Hora, Editorial, p.18, em 06/03/2008).

Um impasse no governo federal atrasa a definição de novos limites e regras para a compra de terras por empresas estrangeiras na Faixa de Fronteira. Mesmo depois de dois anos de discussões, a edição de uma nova regulamentação para o tema ainda esbarra na resistência das Forças Armadas e do Ministério do Desenvolvimento Agrário e atrasa investimentos no Rio Grande do Sul. (Zero Hora, p.16, em 22/07/2008)

Numa comparação entre os argumentos dos agentes e o que foi noticiado nos jornais durante esse período através do título e *lead* das notícias, foi possível construir o seguinte quadro com os enfoques dados pelos jornais.

JORNAIS	ENFOQUE						TOTAL DE NOTÍCIAS
	Econômico	Político	Científico	Movimento Popular	Movimento Ambiental	Conflito c/ Movimento Social	
Zero Hora	31	18	1	-	5	30	85
Folha de São Paulo	13	1	-	-	1	9	24

O quadro evidencia que:

- I. O discurso do campo econômico é objeto de mais notícias do que o de outros campos, superando o espaço dado a repercussão do discurso do movimento ambiental em mais de seis vezes no caso da Zero Hora e em treze vezes para a Folha de São Paulo.
- II. O discurso dos movimentos populares não foi nenhuma vez focado pela Zero Hora ou pela Folha de São Paulo, entretanto, destaca-se o elevado número de vezes em que notícias relacionadas aos conflitos com movimentos sociais por questões que envolviam o plantio de eucaliptos tiveram espaço nessas publicações. Esses enfoques contabilizaram a maioria das notícias publicadas em ambos os jornais durante esses três anos.
- III. O conflito tratado enquanto notícia/reportagem/acometimento é mais recorrente no jornal estadual, Zero Hora, que circula na região do país onde o debate tem sido

mais intenso.

4. CONCLUSÕES

Tendo delimitado uma possível arena de disputa, foi possível identificar campos dos agentes dessa disputa e o que parecem ser os seus principais argumentos. Porém, analisando as notícias veiculadas pelos jornais Folha de São Paulo e Zero Hora, percebeu-se que determinados posicionamentos e argumentos parecem não ressoar com a mesma intensidade que outros. Pelos resultados obtidos pode-se deduzir a possibilidade de haver um mascaramento por parte da mídia que encobre a diversidade de nuances desse debate.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANESI, S. A. **O “Nó” do Eucalipto**: A sustentabilidade da silvicultura na Metade Sul. In: I SEMINÁRIO DE RECURSOS HÍDRICOS DA BACIA HIDROGRÁFICA DO PARAÍBA DO SUL: O EUCALIPTO E O CICLO HIDROLÓGICO, Taubaté, Brasil, 07-09 novembro 2007, IPABHi, p. 351-358. 2006.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CELULOSE E PAPEL - BRACELPA. **Dados Sobre o Cultivo de Eucaliptos no Brasil**. Disponível em: <<http://www.bracelpa.org.br/bra/index/.html>>. Acesso em: 20 fev. 2008.

BERGER, C. **Campos em confronto**: a terra e o texto. 1ª Edição. Porto Alegre, 1998.

BINKOWSKI, P. **Agentes Sociais em disputa: os cultivos de eucalipto na metade sul do Rio Grande do Sul**. Trabalho apresentado ao III Encontro da Rede de Estudos Rurais, Campina Grande, 2008.

BRASIL DE FATO. **Notícias sobre Cultivos de Eucalipto**. Disponível em: <www.brasildefato.com.br>. Acesso em: 20 abr. 2008.

BOLDRINI, I. Diversidade Florística nos Campos do Sul. In: **Conferências Plenárias e Simpósios do 57º Congresso Nacional de Botânica**, 2006.

CENARGEN. **Notícias sobre a Silvicultura no RS**. Disponível em: <www.cenargen.embrapa.br>. Acesso em: 20 mar. 2008.

CHOMENKO, L. **O desenvolvimento na metade sul do Rio Grande do Sul**. 2006. Disponível em: www.ecoagencia.com.br Acesso em 2 abr 2008.

DALCOMUNI, S. M. **A Implantação da Aracruz Celulose no ES: Principais**

interesses em jogo. UFRJ. 1990. Dissertação de Mestrado em Economia.

GONÇALVES, M. T. **Nós da Madeira: mudança social e trabalhadores assalariados das plantações florestais nos Vales do Aço.** Dissertação de Mestrado em Economia, UFRRJ/Rio Doce de Minas Gerais. (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: CPDA-UFRJ, 2001.

GONÇALVES, M. T. **Problemas e Perspectivas do Trabalho Rural Assalariado nas Plantações Florestais no Brasil: análise a partir de uma região do estado de Minas Gerais** In: BRUMER, A; PIÑEIRO, D. (Org.). **Agricultura Latino-americana - Novos arranjos e velhas questões.** Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2005.

GRUPO DE PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO - GRIMAD. **Dados sobre a “Metade Sul” do RS.** Disponível em: <www.ufrgs.br/pgdr/grimad>. Acesso em: 25 out. 2007.

HANNIGAN, J. A. **Sociologia ambiental:** a formação de uma perspectiva social. Tradução de Clara Fonseca. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Informações sobre o Bioma Pampa.** Disponível em: <www.ibge.gov.br/noticias/>. Acesso em 25/10/2007.

PINHEIRO, S. **Cartilha do Eucalipto.** Editora: Fundação Juquira Candiru, 2006.

SUERTEGARAY, D. **Deserto Grande do Sul - Controvérsia.** Porto Alegre: Ed. UFRGS. 1992

ODUM, E. P. **Fundamentos de Ecologia.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbekuian, 2004.

WEISSHEIMER, M. A. **Empresas de celulose determinam política ambiental no RS.** In: Agência Carta Maior. 2007 - Acesso <www.fepam.rs.gov.br/biblioteca/zoneamsilvic.asp> Acesso em: 09 maio 2007.
<www.estado.rs.gov.br> Acesso em 20 abr 2008.
<www.ageflor.com.br> Acesso em 20 abr 2008.